

SITUAÇÃO DO CINEMA AFRICANO



Encontro de cineastas: Samb Ababacar, do Senegal, Hassen Daldoul, da Tunísia, Kinalence Owoo, de Gana, e Kwami Mambusinga, do Zaire.

Fala-se na possibilidade da realização, em nosso país, de uma Semana do Cinema Africano, o que seria merecedor de aplausos. Ainda mais nesta altura, quando se procura, com sucesso, ampliar as nossas relações com o mundo africano, cuidando-se de imprimir nova dimensão ao intercâmbio cultural com os países do continente negro. Com esse espírito, falou-se em levar o cinema brasileiro aos africanos, surgindo, dentro da mesma linha de inspiração, a idéia de uma mostra do cinema do Senegal, que segundo os mais bem informados é o de maior importância no complexo negro-africano. A idéia, porém, evoluiu, já se cogitando, com acerto, da realização de uma Semana do Cinema Africano, oferecendo-se assim uma panorâmica do seu estágio atual.

As informações em trânsito sobre a vida e as coisas africanas, mesmo agora, apesar do edificante interesse que despertam entre nós, são

Raymundo Souza Dantas

insuficientes e muitas vezes contraditórias, pela inexistência de elementos que capacitem a um juízo pelo menos justo do que os africanos fazem ou pretendem fazer. Isso se aplica, pode-se dizer, a quase todos os setores de atividades, desde a política às artes ali praticadas, notadamente o teatro e o cinema. Toma-se conhecimento de experiências isoladas, ignora-se quase por completo realizações marcantes, nada se sabe sobre a sua situação atual e perspectivas. Isso se verifica mais ainda no referente ao cinema, existindo para muitos apenas o cinema do Senegal, representado para a maioria por uma figura única, o extraordinário Ousmane Sembene, inclusive premiado em Veneza.

Acredito que nunca se escutou falar, entre nós, ou pelo menos nunca lhes foi dada importância, sobre Bassari Timité, da Costa do Marfim, ou sobre Dumarou Ganda, da Nigéria, ou ainda a respeito de Kinalence Owee, de

Gana, nem de Kwami Mambuzinga, do Zaire. Por isso, talvez, quando se falou da possibilidade de mostrar o cinema africano, logo todos os pensamentos se voltaram para os nomes do Senegal, o que a meu ver não é justo, possuindo, por exemplo, a Costa do Marfim, como possui, um cinema de qualidade da mesma forma que Gana, Nigéria e o Zaire. Diante, no entanto, das informações colhidas, embora insuficientes, os promotores da idéia de mostrar o cinema africano evoluíram no simples festival referente a um país, para o projeto de uma Semana do Cinema Africano, podendo oferecer, assim, o que é mais lógico, uma panorâmica.

Pouco desenvolvido, é verdade, mas bastante ambicioso, o cinema negro-africano apresenta surpresas que dão a medida exata de sua grandeza futura. Bastaria citar filmes como **Mandat**, de Sembene, **La Femme au Couteau**, de Bassari Tmité, **Femme Noire**, **Femme Nue**, de Desiré Ecaré, **Saitane**, de Oumarou Ganda, **Les Tam-tams se Sont Tus**, de Philippe Mery, **Amanie**, de M'Balé, **Réeu Tak**, de Mahama Traéré, muitos deles revelação na própria Europa. Com seu caráter eminentemente combativo, de sentido essencialmente popular, oferece lúcido testemunho da situação atual da África, enfatizando os seus mais graves e agudos problemas.

Não seria através do romance, por exemplo, nem do teatro, mas deste cinema pobre e ambicioso, que melhor se encontrariam espelhados os mundos africanos e o seu confronto com outros mundos, com os seus hábitos e costumes, velhos e novos, as transformações por que passaram e os dramas vividos. Aspectos os mais diversos, quer da vida do homem da cidade, quer da vida do homem do interior, são focalizados com realismo, projetando-se o cinema africano como a arte que possibilita, sem dúvida, a mais autêntica visão de um mundo e suas agonias.

A fim de alcançar estágio artístico mais alto, como também de melhor atender à sua missão, procura uma linguagem própria, além dos meios mais adequados para tornar esta linguagem acessível ao povo. Assume o cinema negro-africano papel sócio-cultural e, também, político, de maior importância, neste momento da história africana. Projeta-se como anunciador do que será a África de amanhã, pela apresentação do drama, por exemplo, da necessária evolução dos

costumes e hábitos, sem trair nem violentar as suas mais caras tradições. É assim que se deve compreender o cinema negro-africano, o qual, pelo que tudo indica, veremos numa panorâmica dentro em breve. Neste contexto, destacam-se todos os cineastas africanos, participando, com sua arte e sua visão, para garantir a manutenção de uma cultura original no continente.

Buscando alcançar um maior desenvolvimento para a sua cinematografia, os africanos organizam-se, tendo em vista a produção, a distribuição e a circulação de filmes. Como consequência, vários têm sido os encontros de caráter panafricanos realizados, acompanhados de mostras de filmes, sendo que três na própria África Negra, em Ugadugu, no Alto Volta, país em que as salas de exibição foram nacionalizadas, da mesma forma que na Guiné, seguindo ambos o exemplo da Líbia e da Argélia. Os primeiros festivais registraram-se nos países árabes, cuja produção cinematográfica é mais antiga. Quase todos, diga-se desde logo, organizados pela Federação Panafricana de Cineastas, à cuja frente encontra-se um batalhador, o conhecido Ababacar Samb, do Senegal. Falando aos jornalistas franceses, recentemente, apontou-os como ponto de atração, além de tribuna, para expor, discutir e procurar soluções para os seus problemas fundamentais.

No primeiro daqueles festivais, os cineastas presentes não passaram de meia dúzia. Neste último, foram apresentados 44 filmes, entre produções de curta e de longa metragem, sendo que 19 em caráter competitivo. Pensam os africanos, agora, em realizar uma série de encontros em países onde se fala a língua inglesa, indicando-se que o primeiro deles deverá ser na Tanzânia. Fora da África, cumpre acrescentar, houve há meses uma Semana de Cinema Africano, levada a efeito em Quebec, pela cinemateca local, devendo, pelo que tudo indica, realizar-se no Brasil a segunda. Vai, assim, o cinema africano sendo melhor difundido no próprio continente, como também melhor conhecido e julgado em outros centros, graças àquelas iniciativas.

Pelos pronunciamentos que colhi, oriundos dos festivais africanos, fica-se sabendo das condições em que se desenvolve este cinema, no que tange não só à produção, como também à sua exploração. Todos quantos se manifestam

nos referidos certames mostram-se unânimes quanto à importância de formar um mercado, porém acrescentam que, mais ainda, é poder contar com instrumentos para controlá-lo. Precisam, cada vez mais, multiplicar as mostras, considerando os festivais de grande utilidade, mas também de quem os ajude a vender os seus filmes, dentro e fora da África. Para isso se organizam, como disse, esperando serem tão felizes na comercialização como têm sido nos festivais. Já existem vários projetos para formação de empresas e entidades, inclusive de um consórcio internacional, vinculado à Federação Panafricana de Cineastas, especificamente para tratar da distribuição e comercialização. Pensa-se, também, em garantir a exibição de seus filmes, em seus respectivos países, na base de cotas de obrigatoriedade. A sua grande meta, pois, é assegurar um controle, sem o qual serão afogados pelo mar dos interesses euro-americanos, que despeja anualmente na África mais de mil fitas.

Entram, pois, na África, mercado extremamente exíguo, cerca de mil filmes anualmente, selecionados de subprodutos do cinema mundial. Posso dizer que disso sou testemunha, pois, durante três anos, fui freqüentador assíduo de cinema, apesar de tudo, em Gana, na Costa do Marfim, no Togo, durante minha Embaixada. Era difícil, quase impossível, encontrar-se uma fita de melhor qualidade. Realmente era lá exibido o subproduto da produção cinematográfica mundial. Hoje, segundo leio, as telas continuam oferecendo o mesmo, com os Djangos, os Gringos e os Sartanas.

Existem, no mundo africano de língua francesa, cerca de 400 salas de exibição, em sua maioria esmagadora sob o controle das empresas de distribuição estrangeiras. Como disse, apenas no Alto Volta e na Guiné, entre os países negro-africanos, elas foram nacionalizadas. Raramente se assiste, na maioria desses cinemas, a um filme africano. Têm razão, pois, antes de conquistar mercado, em preocupar-se em contar com os instrumentos que lhes permitam controlá-lo. A FEPACI propõe-se a isso, lançando-se na luta pela conquista do lugar ao sol que o cinema africano deve ter em seu próprio continente. Trata-se de um cinema, como se poderia ver através de uma Semana do Cinema Africano, de estilo, força e originalidade.